

UM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A DIALOGUE WITH EDUCATION IN PANDEMIC TIMES

Carlos Frederico Felício Fagundes¹

Resumo

Este artigo objetiva discorrer sobre a Educação e a imprescindibilidade do conhecimento científico e das pesquisas acadêmicas, em tempos de dificuldades causadas pela COVID-19 que tanto perturba o Brasil e o mundo. Como meio de dirimir o contágio com este vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e outros setores da sociedade indicaram o isolamento social. Com as escolas fechadas, a Educação também procurou se adaptar, buscando modalidades alternativas. O artigo também suscita uma reflexão, ao discutir a relevância do papel da formação na Educação Básica fundamentada na dignidade da pessoa humana. O texto se justifica por seu ineditismo ao abordar a missão da Educação nessa grave conjuntura atual, e por eleger as crianças como futuras guardiãs dos valores fundamentais necessários à construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Palavras-chave: Educação e Ciência. Covid-19 e Pandemia. Saúde. Criança. Dignidade e Igualdade.

Abstract

This article aims to discuss Education and the indispensability of scientific knowledge and academic research, in times of difficulties caused by COVID-19 that both disturbs Brazil and the world. As a means of resolving contagion with this virus, the World Health Organization (WHO) and other sectors of society have indicated social isolation. With schools closed, Education also sought to adapt itself, seeking alternative modalities. This article also raises a reflection, when discussing the relevance of the role of training in Basic Education based upon the dignity of the human person. The text is justified by its novelty in approaching the mission of Education at this current serious situation, and by electing children as future guardians of the fundamental values necessary to build a more just and solidary society.

Keywords: Education and Science. Covid-19 and Pandemics. Health. Children. Dignity and Equality.

¹ Doutorando em Educação pela PUC Minas (2017-2021). Membro do Núcleo de Pesquisa Social: Teoria Crítica da Sociedade – PUC Minas. Mestre em Educação pela PUC Minas (2015-2017). Licenciado em Matemática (CEFET/MG, 2014). Bacharel em Engenharia Civil pela Universidade FUMEC (1997). E-mail: cfeliciofagundes@gmail.com

Introdução

Em tempos de Corona Vírus, venho pensando a respeito deste mal que, abruptamente, assolou o mundo. Num contexto de terror causado pela possibilidade concreta da morte, milhões de pessoas tentam mudar seus hábitos, para se protegerem de um inimigo invisível e avassalador.

Nesse contexto, o tão falado “isolamento social” tem se mostrado uma medida necessária, responsável e eficaz. Um vírus que não discrimina raça, classe social e etnia espalhou-se, matando milhares de seres humanos. O resultado? Hospitais e postos de saúde lotados, ao mesmo tempo em que *shoppings*, boates, bares, estádios e restaurantes, locais onde se aglomeram as pessoas, completamente vazios; literalmente, sem viva alma.

O lazer já não é mais prioridade, uma vez que, no momento, o importante é preservar a vida. Nesse sentido, os que comungam uma fé oram ao Senhor, do lado de fora das igrejas, pois estas também se viram forçadas a fechar suas portas.

Andar pelas ruas se converteu numa missão delicada, porque nunca se sabe quem está contaminado, pois um espirro soa mais como uma arma de guerra.

Nessa trilha, então, nos perguntamos: será que já não seria o momento de estarmos olhando o outro como nosso semelhante? Será que não vínhamos alimentando sentimentos em relação ao próximo que nos cegavam? Será que, nos limites de nossa convivência, éramos capazes de escutar os silenciosos gritos de socorro dos que precisavam? Será? Será?

Talvez, estas respostas estejam ecoando dentro de nós, dando solavancos em nosso peito que, até então, acreditava em nada ouvir. Sim, porque, até então, nada nos fazia adotar comportamentos mais humanos e solidários para com os necessitados. Nada nos fazia recordar que, antes mesmo do surgimento deste vírus mortal, outros tipos de enfermidades continuamente já acometiam as relações humanas, como raiva, rancor, ódio (recentemente incorporados por questões de divergências no cenário político), inveja, prepotência, soberba, entre tantos outros sentimentos que, ao longo de décadas, vêm se apossando de nós.

Este texto pretende oferecer ideias a respeito do papel que a Educação pode desempenhar em momentos de dor, sofrimento e, principalmente, de dúvidas em relação ao futuro; quem sabe, não poderíamos ter uma educação libertadora, igualitária, abrangente e livre das amarras que sempre delimitaram espaços dicotômicos entre o pobre e o rico, o branco e o negro, o cristão e o judeu, ou ateu, entre outras polaridades, uma educação acolhedora, fraterna e capaz de nos fazer perceber que sempre fomos e seremos iguais. Lembrando que aquele que das minhas ideias diverge não é meu inimigo. Eu respeito as

convicções dele.

Agora, nós todos, sem exceção, nos encontramos amedrontados e mascarados, com o coração angustiado, em meio a tanta tragédia. Compartilhamos, além deste medo e desta angústia, centenas de orientações médicas, orações e instruções (inclusive de como improvisar uma máscara), na expectativa de que esta pandemia termine.

Foi preciso um caos mundial para nos despirmos política e economicamente de valores que pensávamos serem tão importantes? As máscaras caíram e passamos a procurá-las em prol de um bem maior: cuidar de mim que implica zelar, também, pelos outros. Talvez, este vírus esteja nos ensinando a rever a importância de valores fundamentais que andavam esquecidos. Agora, para mim e para você, não há dois lados, mas, sim, um, o querer viver.

A seguir, compartilhamos algumas reflexões, elegendo como pano de fundo a Educação, que consideramos uma ferramenta essencial neste cenário de crise.

Coronavírus: a educação como prevenção

Dentre algumas atribuições da Educação, a construção do conhecimento destinado ao desenvolvimento da saúde tem sido motivo de discussão entre profissionais da saúde, sociedade civil e autoridades de cada Estado. A pandemia que estamos vivendo, atualmente, tem provocado uma imediata série de pesquisas e estudos científicos cujo objetivo maior é vencer as doenças e salvar vidas. Pensando sob esse prisma, Jares (2005) entende que o papel da Educação é

[...] dotar os estudantes de conhecimentos e instrumentos para que possam compreender as chaves do mundo em que vivem. Isso significa que a educação, por sua própria natureza e por sua finalidade, deve estar conectada com as realidades econômicas, sociais, culturais e políticas nas quais se situa e para as quais intervém (JARES, 2005, p. 11).

Nesse sentido, o processo educativo precisa se comprometer com o desenvolvimento do indivíduo, dotando-o de ferramentas que irão lhe permitir agir reflexivamente e com autonomia. Eliminar o pensamento único deve ser o começo de uma nova jornada, uma vez que considerar a opinião do outro demonstra respeito com aquilo de que discordamos. Portanto, além dos conteúdos disciplinares com os quais nossas crianças estão regularmente acostumadas a aprender, o conceito sobre o que vêm a ser os termos social e coletivo devem também permear o currículo, não apenas da educação formal, mas também da doméstica, primordial, nesta fase de isolamento.

Nessa linha de raciocínio, é necessário intervir junto às crianças e promover uma educação a partir do valor da vida humana, processo no qual a dignidade se faça presente e adquira sua real dimensão. Seria educar com e a partir de uma pedagogia que carrega consigo a esperança como o seu objetivo; pois não há mal que perdure.

Há quem acredite que, após a passagem desta pandemia, seremos melhores seres humanos, e que a dificuldade por nós hoje vivenciada servirá de lição para que consigamos fazer um amanhã melhor.

Talvez minha avaliação não coadune com a da maioria; não obstante, há exemplos de que a ocorrência de tragédias nunca transformou nossa sociedade em um modelo fraterno de convivência. Infelizmente, não precisamos buscar, em um passado muito distante, eventos que embasam minha afirmação. Exemplifico com os seguintes fatos: um índio queimado por jovens de classe média, enquanto dormia ao relento, em Brasília; a filha que assassinou os próprios pais na grande São Paulo; a criança que foi jogada do alto de um edifício por seu pai e sua madrasta; a esposa que matou e esquartejou o próprio marido, e a morte de 242 pessoas numa boate que se incendiou. Todos esses crimes, decerto, poderiam contestar nossa capacidade de renovação social pós-pandemia.

Ainda assim, queremos acreditar que não foi em vão que mais de trezentas pessoas (300) tenham morrido soterradas pela lama com dejetos provenientes da ruptura de uma barragem, que uma criança de apenas seis anos tenha sido morta, ao ser arrastada por quilômetros presa ao cinto de segurança do carro dos pais, após sua família ter sido alvo de um assalto ou, que, devido à negligência das autoridades, as chuvas, além de invadirem as casas destruindo tudo, ao arrastarem carros e casas, todos os anos, levam também os sonhos das pessoas, provocam dor e causam miséria a dezenas de famílias.

Não podemos corroborar isto. É preciso acreditarmos que eventos como estes têm que servir de exemplo para que o mundo seja relido, refeito, com base no amor ao próximo e na igualdade de direitos. Para tanto, é preciso educar orientando para a defesa da vida, para a rejeição à violência. É esta educação que deve ter espaço nos currículos das escolas.

Não me refiro à educação para a ausência de conflitos, porquanto isto seria por demais utópico, mas aquela orientada para a não violência, até mesmo diante de ideias contrárias às nossas e de tudo aquilo que não reconhecemos, e tampouco assimilamos ou coadunamos.

Nessa direção, Jares (2005, p. 97) afirma que “A violência elimina ou adia o conflito matando ou anulando a outra parte, mas não resolve o conflito. E, como bem nos mostra a história, mais cedo ou mais tarde volta a nascer em um cenário mais complicado para a resolução dos conflitos”.

Ainda sobre violência, conforme Oka (2020), cientista social da Universidade Estadual de Maringá (UEM),

[...] violência é uma consequência da desigualdade social porque, quando um grupo de pessoas é desfavorecido, fica mais vulnerável diante dos mais privilegiados. Ao mesmo tempo a violência mantém a desigualdade, porque faz com que indivíduos do lado com menos poder tenham medo, não desenvolvem suas capacidades, além de dificultar sua ascensão social (OKA, 2020).

Além da física, há também outras formas cruéis de violência constantemente praticadas em nossa sociedade, sendo a rejeição uma delas. O ser humano passa parte de sua vida desejando reconhecimento, a consideração de determinadas pessoas, a visibilidade que as redes sociais, de maneira desmedida e, por vezes, equivocada, nos oferece, porém, somos incapazes de identificar (e dar auxílio) a famílias inteiras que se amontoam debaixo dos viadutos das cidades grandes, na luta pela sobrevivência, um meio de vida que lhes é imposto. E o que é pior: garantimos que continuarão invisíveis, devido ao nosso descaso, enquanto tomamos posse da ilegítima necessidade de sermos vistos. Deveríamos interpretar essa invisibilidade de nossos semelhantes como a mais bárbara forma de violência que lhes impingimos, e não como consequência de sua pobreza. Isto, porque parte destas vítimas, sem escolha alguma, acaba cometendo um ato criminoso, por querer buscar alternativas de melhores condições de vida, em meio a uma sociedade que, não por acaso, a discrimina, abandona, censura e pune, o que evidencia o fato de não termos sido preparados para compreender que, talvez, sua ação delituosa tivesse sido a única maneira que encontrou para tentar diminuir o abismo que geograficamente delimita sua esperança por dias melhores.

A corrente escolanovista² já previa que situações similares perdurariam. Ao criticar o modelo clássico de ensino, o movimento apontou que os conteúdos curriculares das escolas deveriam se orientar para além das disciplinas convencionais. Nessa trilha, implantar temas que estivessem intrinsecamente enraizados nas relações sociais dos alunos, foi considerado o caminho que os direcionaria a um futuro melhor.

Nessa linha de raciocínio, Jares (2005, p. 95) advoga que “[...] devemos voltar nosso olhar crítico para o conhecimento das realidades sociais violentas e desiguais que questionam ou impossibilitam a vida, suas infinitas possibilidades, sua qualidade ou longevidade [...]”.

² Movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX, tendo obtido mais força no início do XX. Foi responsável por mudanças que incidiram no processo educativo na década de 20. Tendo em vista a revolução industrial que se avizinhava, um grupo de intelectuais entendeu como necessário preparar a sociedade para acompanhar tal desenvolvimento. Baseou-se na igualdade de direitos e no acesso, de todos, à educação. Daí, dez anos mais tarde, resultou na publicação do *Manifesto dos pioneiros da educação nova*, exatamente em 1932. (MANIFESTO..., 2010).

Questionar a passividade e a indiferença diante da maneira violenta e repugnante com a qual temos sido forçados a conviver não pode ser uma opção, mas uma condição. Como afirma Jares (2005, p. 94), “educar para a vida deveria ser redundância”, porquanto, através do cuidado mútuo, conseguiremos transpor os obstáculos pertinentes a qualquer um que almeje ir além da mentira, dos maus tratos e da indiferença. O caminho é educar as crianças, base do futuro, para valorizar o amor em detrimento da violência e de todas as suas formas de manifestação. É inadiável ensinar que o direito à vida se sobrepõe a qualquer outro, devendo, portanto, ter prioridade absoluta. Urge uma educação que faça germinar no coração das crianças a certeza de que a vida do outro é inegociável, e que há outras formas de encarar e decidir os conflitos.

Complementando nossas assertivas, Jares (2005) afirma que a vida

[...] é um direito maior [...] e não sujeito a mancomunções ou a táticas conjunturais de estratégia política. Assim, por exemplo, em relação ao direito legítimo de autodeterminação, não é possível estabelecê-lo acima do direito à vida ou usá-lo como moeda de troca para o fim da violência [...] (JARES, 2005, p. 96).

Nessa linha de pensamento, queremos crer que o “vírus mortal”³ permaneceria inerte, se tivesse que se confrontar com uma sociedade mais humana que, em comunhão, exalasse e praticasse solidariedade e fraternidade. E o sistema educacional, em nosso entender, seria o palco adequado e propício para se combaterem todas as formas de violência e, sem dúvida, o nascedouro de uma geração saudável e convicta dos seus valores, assentada numa formação igual e aberta, capaz de crescer e se desenvolver, usufruindo de liberdade e justiça.

Coronavírus: a morte como opção ou uma oportunidade de afirmação da ciência?

Do dia 8 a 14 de maio deste corrente ano, os Estados Unidos da América (EUA) e o Brasil somavam, exatamente, 15.315 mil óbitos, sendo que o restante de todo o planeta amargava, no mesmo período, 17.870 mortes de cidadãos de todas as outras nacionalidades (TARGINO, 2020), números que, por si só, anunciavam a tragédia que nos aguardava, poucos meses mais tarde. Vale informar ao leitor que, de acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020) e matéria publicada sob o título de *Últimas notícias de coronavírus de 14 de maio de 2020* pelo Grupo Globo - G1 (que tem apresentado os números norte-americanos), o total de óbitos, no mesmo período, em ambos foi de 13.009, e não os 15.315.

³ Não nos referimos somente à COVID-19, mas a tantos outros males que se alojaram e, atualmente, residem na mente e no coração dos seres humanos, ou seja, as pragas que se forjaram no século XX e adentraram o XXI.

Atualmente, neste décimo terceiro dia do mês de junho, segundo dados do *site* oficial do Ministério da Saúde, o Brasil tem 42.720 mortos, em meio a 850.814 casos de pessoas infectadas pela Covid-19. Já os EUA atingiram a marca de 114 mil mortos e um pouco mais de 2 milhões de americanos infectados (BRASIL, 2020), lembrando que a população deste país é superior à nossa. Qualquer pessoa poderia se arrogar o direito de não acreditar nestes números, caso não fossem oficiais. No entanto, o cenário por detrás da contagem de óbitos, nos parece bem pior.

Há autores que apontam o sistema capitalista como o principal vírus causador desta tragédia humanitária. Outros já atribuem à estagnação da economia mundial provocada pela escalada global de desemprego provocado pelo fechamento compulsório das indústrias, empresas grandes, médias e pequenas, construtoras, escritórios comerciais, casas de comércio, após o surgimento e permanência do Covid-19, como reais causadores do adoecimento da sociedade, principalmente, o da nossa.

Entretanto, devemos constatar que, após vários eventos que polarizaram o mundo, desde a Guerra Fria, chegando até as últimas eleições presidenciais no Brasil, nada mais triste do que depararmos com um duelo entre o atual sistema econômico vigente no Brasil e a tentativa de preservação da sua segurança sanitária. Uma queda de braço que, possivelmente, possa ter causado ainda mais dor e perda entre as populações. A começar pela demora em reconhecer as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), quanto ao confinamento e distanciamento sociais, procedimentos sugeridos pela OMS que, além de diminuir a propagação do vírus, facilitam o controle, o acompanhamento e o tratamento da doença, ao desobstruir os sistemas de saúde (público e privado). Um vírus tão nocivo e desconhecido não perdoaria a lenta resposta de algumas nações: a Itália, por exemplo. Isto tudo, acrescido do despreparo na realização de testes para identificar e isolar os indivíduos contaminados, aliado às intercorrências do sistema público de saúde, que, sem dúvida, teriam contribuído, sobremaneira, para tamanho desastre.

Em sentido contrário, estudos comprovam que uma resposta rápida, logo no início da pandemia, foi a responsável pelo resultado positivo, ou menos catastrófico que alguns países apresentaram.

Nesse contexto, Oliveira, Lucas e Iquiapaza (2020) ponderam que as

[...] experiências de países que adotaram medidas como distanciamento social e suspensão de aulas de forma precoce, tais como Singapura, Coreia do Sul e Japão, apontam que a implementação imediata dessas providências bem como o gerenciamento rigoroso dos casos e diagnósticos em massa influenciaram no curso

da transmissibilidade, resultando num menor número de óbitos (OLIVEIRA; LUCAS; IQUIAPAZA, 2020, p. 11).

Dentro destas questões, a postura em não reconhecer as inúmeras determinações da OMS revela certo descaso em relação à comunidade científica nos últimos tempos. Kellner (2020) entende que “É também necessária uma mudança geral no pensamento que ciência é gasto, quando, na realidade, é um investimento para que pesquisadores tenham o financiamento adequado e não precisem abandonar seus projetos no meio do caminho”.

Pesquisadores, especialistas, profissionais da saúde e docentes têm se debruçado há meses na tentativa de conhecer o comportamento desta nova roupagem do vírus popularmente conhecido como Coronavírus. Universidades renomadas, aqui no Brasil e em todo o mundo, têm se empenhado para encontrar a melhor composição de uma vacina que conseguirá interromper este processo tão letal da doença.

Para tanto, é preciso acreditar que o conhecimento, em especial o científico, se dotado das ferramentas necessárias, será capaz de libertar a população de um massacre ainda maior no futuro. É necessário apoiar o setor acadêmico-científico e incentivá-lo a persistir em sua caminhada, aumentando seus recursos e aprovando programas e parcerias com o setor privado, na busca por melhores condições de trabalho e estudo, porque, só assim, o receio em relação ao futuro se dissipará, mesmo em tempos difíceis como este em que vivemos atualmente.

Como esclarecem Domingos e Chaves (2005),

[...] o conceito de um valor não implica compreender nem agir, de acordo com ele, o conhecimento de um valor exige em uma experiência e, conseqüentemente, uma resposta, faz com que se assuma diante dele uma escolha, mas, nunca a indiferença. Esta indiferença seria a própria negação do valor. (DOMINGUES; CHAVES, 2005, p. 581).

O conhecimento, seja de qualquer área, deve ter como premissa colocar-se à disposição e a serviço da sociedade, contribuindo para o seu bem-estar e desenvolvimento. Ele deve estar em equilíbrio com as demandas locais, ofertando a todos oportunidades de melhorar suas vidas. Não se pode mais admitir um processo de ensino que resulte em mais desigualdade e indiferença.

Complementando nossas assertivas, Alves e Varela (2012) apontam:

Neste sentido, a escola não pode mais ser entendida como uma organização social isolada, a qual se valida e justifica internamente. A escola deve ser encarada como uma organização social que se insere numa determinada comunidade, a qual tem de ser tida em conta na enunciação dos seus objetivos e perante a qual tem de se

responsabilizar em termos de resultados (ALVES; VARELA, 2012, p. 38).

A educação, como parte do processo de desenvolvimento humano, deve concentrar seus esforços para que atrocidades humanitárias como, por exemplo, as barbáries⁴ cometidas nos campos de concentração, onde vidas humanas não tinham valor algum, se repitam. A educação, o conhecimento e a sede pelo poder foram componentes fundamentais para a promoção de uma carnificina sem precedentes, na história da humanidade.

Nessa direção, Jurt (2009, p. 200) atesta que “Os experimentos biológicos de raça dos médicos dos campos eram justificados como um pretense serviço à saúde do povo e, mesmo antes de 1933, [...] eles existiam graças a uma naturalização científica da medicina”.

A escola, nesse sentido, deve continuar apregoando princípios como a ética, a moral, e definir diretrizes que estejam comprometidas com as necessidades e os deveres da sociedade. A escola, por isso, precisa promover a discussão de temas polêmicos (como o da pandemia), sem ocultar os fatos e apontar diferenças e dificuldades que, com certeza, aparecerão. Tais ações concorrerão para a consolidação de indivíduos autônomos, críticos e capazes de procederem a uma leitura do mundo mais apurada.

É importante que as autoridades se conscientizem de que a manutenção e promoção das instituições educacionais não representam um favor à comunidade acadêmica, mas o cumprimento de um dever constitucionalmente previsto e a ratificação, o reconhecimento de um direito de todos garantido por lei.

Precisamos, ainda, compreender que será através da ciência que ocorrências inesperadas, como a do Covid-19 poderão e deverão ser combatidas, de maneira transparente e firme.

Conclusão

Nestes tempos de pandemia, nos quais a sociedade vem acumulando perdas, estamos aprendendo a viver somente com o necessário, esquecendo o supérfluo, e a sentir falta daqueles que, por força de uma convivência constante, já não mais valorizávamos o suficiente. Estes são, em nosso entender, aspectos positivos do confinamento que recuperaram, de certo modo, a desumanização, resultante de alguns modelos político-econômicos existentes em nossa sociedade, descomprometem a carga colocada,

⁴⁴ Câmaras de gás construídas por engenheiros, crianças envenenadas por médicos diplomados e bebês mortos por enfermeiras bem treinadas, foram algumas das atrocidades cometidas nos campos de concentração.

principalmente, nos ombros das classes menos favorecidas. Não são elas as responsáveis pela deterioração das relações, ao contrário, são as que mais sentem os reflexos de um processo social segregador.

Nessa trajetória, é preciso seguirmos na edificação de uma educação alicerçada na vida humana e na dignidade das pessoas. Urge utilizarmos uma prática educativa que se comprometa com a verdade, e que seja capaz de sensibilizar nossos discentes, no que tange à importância da justiça e da rejeição aos sentimentos de ódio e de vingança, resultantes da mencionada desumanização.

A missão da Educação, no Brasil, só restará completa a partir do instante em que for, realmente, capaz de formar seres humanos mais humanos. Compreender que diversidade nunca foi sinônimo de desigualdade é, certamente, um primeiro grande passo rumo à constituição de uma sociedade mais humana e comprometida com a qualidade de vida das pessoas. E, nesse contexto, a ciência desempenha e desempenhará um papel relevante, ímpar e absolutamente imprescindível.

Referências

- ALVES, Mariana Gaio; VARELA, Teresa. Construir a relação escola-comunidade educativa: uma abordagem exploratória no conselho de Almada. **Revista Portuguesa de Educação**, Lisboa, v. 25, n. 2, p. 31-61, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus**: notícias. Brasília: MS, 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- DOMINGUES, Tânia Arena Moreira; CHAVES, Eliane Corrêa. O conhecimento científico como valor no agir do enfermeiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 39, n. spe, p. 580-588, 2005.
- JARES, Xésus R. **Educar para a verdade e para a esperança**: em tempos de globalização, guerra preventiva e terrorismos. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005. 220 p. (Biblioteca Artmed. Educação em Valores).
- JURT, Joseph. Um caso extremo do social: as sociedades dos prisioneiros nos campos de concentração nazistas. **Tempo Social**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 199-210, jun. 2010.
- KELLNER, Alexander W. A. Informações em tempos de pandemia. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 92, n. 1, 2020. DOI: 10.1590/0001-3765202020200725.
- MANIFESTO dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores (1959). Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010. (Coleção Educadores).
- OKA, Mateus. **Desigualdade social**: a desigualdade social é um problema persistente nas sociedades modernas, e é necessário entendê-la de forma não individualista. A sociologia

ajuda a compreender suas causas e consequências. [S. l.]: Todo Estudo, 2020. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/desigualdade-social>. Acesso em: 13 jun. 2020.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; LUCAS, Thabata Coaglio; IQUIAPAZA, Robert Aldo. O que a pandemia da COVID-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, maio 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072020000100201&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 15 jun. 2020.

TARGINO, Rafael. **Mortos pelo coronavírus**: EUA de Trump e Brasil de Bolsonaro concentram quase metade das mortes da última semana. São Paulo: Opera Mundi, 2020. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/64695/mortos-pelo-coronavirus-eua-de-trump-e-brasil-de-bolsonaro-concentram-quase-metade-das-mortes-da-ultima-semana>. Acesso em: 14 jun. 2020.

ÚLTIMAS notícias de coronavírus de 14 de maio: Mortes causadas pela Covid-19 chegam a 300 mil no mundo; Vacina desenvolvida em Oxford mostra eficácia em estudo pequeno com macacos. [Rio de Janeiro]: G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/14/ultimas-noticias-de-coronavirus-de-14-de-maio.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2020.